

dance, ria:  
uma festa para roberto freire

*gustavo simões*

René Char, em *O nu perdido e outros poemas*, dedica um breve texto ao jovem poeta Arthur Rimbaud. Depois de comentar as rupturas do autor das *iluminuras* com “a bobeira dos poetas de Paris”, com “o zunzun de abelha estéril de família ardenesa um pouco doida”, com “o bulevar dos preguiçosos, os botequins dos mija-liras”, Char conclui: “ainda há quem creia, sem provas, que contigo a felicidade é possível”<sup>1</sup>. Apesar de ter morrido em 1891, Rimbaud certamente foi um dos escritores que empolgaram o “sonho que, entre a Primeira Guerra Mundial e o surgimento do fascismo, encantara as frações mais utopistas da Europa – a Alemanha de Wilhelm Reich e a França dos surrealistas”<sup>2</sup>. Para Michel Foucault, no prefácio ao *Anti Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o “sonho” ou “projeto utópico dos anos 1930” foi de certa maneira atualizado na segunda metade dos anos 1960. Todavia, segundo ele, “o combate deslocou-se e ganhou novas zonas”<sup>3</sup>.

*Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUCSP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.*

Contudo, o que vem a seguir nesta breve nota não está a serviço de comentários sobre a poesia e a existência do poeta “maldito”. A introdução, a partir das palavras de René Char, é para contar um pouco sobre uma festa, uma celebração de uma vida vibrante, a do anarquista Roberto Freire (o Bigode, para os amigos). Articulada pelo Nu-Sol, pela SOMA e por sua neta Alice Freire, a comemoração foi composta por maratona de somaterapia; capoeira angola e samba de roda; conversa sobre os anarquismos e um show organizado por um de seus filhos, Paulo Freire. Neste dia singular, 28 de agosto de 2019, no Tucarena, na PUC-SP, das 15hs às 23hs, cada pessoa pôde dançar e rir, como sugeriu Rimbaud (em “as frases”), experimentando o prazer em vez de lançá-lo fora pela janela. E como não podia faltar, no saguão do teatro, um bar aberto com comidas e, é claro, bebidas!

Desde os anos 1960, na América do Sul, no Brasil, Roberto Freire foi uma dessas existências que fez os combates libertários deslocarem-se, ganhando outras zonas, como sublinhou Foucault. A partir do próprio TUCA – teatro que ele ajudou a inventar a convite dos estudantes –, precisamente na década de 1960, ele resistiu à ditadura civil-militar, encorajando montagens como “Morte e Vida Severina” e “O&A”. Mais tarde, novamente animado pelo teatro, depois de assistir aos libertários do *The Living Theatre* em 1968, incorporou o pensamento de Wilhelm Reich, rompendo decisivamente com a psicanálise e a militância marxista. Sob efeito de tais rupturas, criou a somaterapia, considerada por ele mesmo sua maior invenção, visando auxiliar jovens, que combatiam as violências do Estado e os autoritarismos disseminados na sociedade. E para além da SOMA,

dance, ria: uma festa para roberto freire

depois dos anos 1970, nos quais, afirmou pela primeira vez seu anarquismo, até a ultrapassagem do século XX, deu forma, em grupos de terapia, romances, livros de ensaios, entrevistas, a seu “anarquismo somático” e a conceitos como “amor libertário”<sup>4</sup> e a “erotização do cotidiano”.

Atraídos pela intensidade de Freire e pelos encontros ocorridos no dia 28, decidimos publicar nesta *verve* uma entrevista sua para o jornal *O Inimigo do Rei* (1977-1988), jornal que agitou o anarquismo, assim como ele, incorporando outras questões, no rescaldo de 1968. Nas páginas a seguir, depois da exposição de alguns cartazes produzidos pela SOMA, Bigode comenta como se distanciou da militância marxista aproximando-se do militantismo libertário; descreve sessões de terapia; problematiza o machismo no interior até mesmo dos movimentos revolucionários; expõe boicotes de psicólogos a seu pensamento e afirma sua potente perspectiva anarquista.

A associação do anarquismo somático de Roberto Freire com aquele estampado nas páginas de *O Inimigo do Rei* ainda nos lembra, hoje, em 2019, que o prazer e a alegria fazem parte das lutas anárquicas. Como sublinhou Foucault no prefácio do *Anti-Édipo*, uma vida não fascista se expande com militâncias afastadas da tristeza e das lamúrias. Apesar da sua admiração, diferente de Rimbaud que abandonou a poesia e morreu com menos de quarenta anos, Freire combateu prazerosamente até os 81, saboreando doses de uísque e chocolates. A cada instante, dançando, rindo, lutando, por meio de seus escritos e de uma vida escandalosa, podemos afirmar que a anarquia é possível a todo e a qualquer momento. Foi o que aconteceu, numa quarta-feira, dia 28 de agosto.

## Notas

<sup>1</sup> René Char. *O nu perdido e outros poemas*. Tradução de Contador Borges. São Paulo, Iluminuras, 1995.

<sup>2</sup> Michel Foucault. “Prefácio ao Anti-Édipo (Introdução a uma vida não fascista)” in *Ditos e escritos VI: Repensar a Política*. Manoel Barros da Motta (Org.). Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, pp. 103-106.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Sobre a singularidade do pensamento de Roberto Freire acerca do “amor libertário ver: Jaime Cubero. “Razão, paixão e anarquismo” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, vol. 20, 2012, pp. 37-48.